

## **A RECEPÇÃO DAS FÁBULAS PELOS ALUNOS DO 6º ANO DA ESCOLA ESTADUAL MARIA NEUZA DO CARMO DE SOUSA.**

Bruno Oliveira da Silva\*<sup>1</sup>  
Jacira Dantas Frota  
Sara Viana Leite  
Elcilene Cativo de Oliveira Souza\*\*<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo é resultado de um estudo realizado com o objetivo de verificar a receptividade das Fábulas tradicionais e contemporâneas na Escola Estadual Maria Neuza do Carmo de Sousa, localizada no município de Macapá, assim como, o conhecimento e o entendimento do aluno no que se refere à leitura de Fábulas. Para isso utilizou-se dois tipos de pesquisa, a bibliográfica e a de campo, sendo que a primeira serviu para embasar teoricamente o trabalho, e a segunda para identificar o conhecimento e interesse dos alunos pelo gênero textual em estudo. A análise e interpretação dos dados coletados por questionários, nos permitiu identificar a existência ou não de alguma dificuldade por parte dos alunos, para distinguir Fábulas de Contos de Fadas e de outras histórias. Os resultados demonstram que os mesmos têm pouca dificuldade, que são atribuídas principalmente, a ausência de um trabalho voltado para a leitura das fábulas e dos contos de fadas pelo professor em sala de aula. A investigação permitiu ainda, compreender que a leitura das Fábulas nas séries iniciais contribui de forma significativa para o desenvolvimento social do aluno. Devido a temática, a leitura desse artigo pode ser interessante aos professores dos anos iniciais, acadêmicos de Letras, de pedagogia e a quem mais tenha interesse pelo assunto.

**Palavras-chave:** Leitura; Fábulas; alunos.

---

<sup>1\*</sup> Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Letras..., do Instituto de Ensino Superior do Amapá - IESAP/AP. Email: [brunno1988@hotmail.com](mailto:brunno1988@hotmail.com), [jaciaradantasfrota@gmail.com](mailto:jaciaradantasfrota@gmail.com), [prinsaraleite44.sl@gmail.com](mailto:prinsaraleite44.sl@gmail.com).

<sup>2\*\*</sup> Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP/AP e Especialista em Tecnologias Educacionais pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO/RJ; Docente do Curso de Letras, do Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP/AP, onde ministra a disciplina Literatura Brasileira I. E-mail: [lenecativo@gmail.com](mailto:lenecativo@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um projeto voltado para produção literária infantil e teve por objetivo investigar se as Fábulas estão sendo bem aceitas pelos alunos em sala de aula e quais os resultados gerados por elas. O que motivou o desenvolvimento deste trabalho foi observar que durante os estágios, ao aplicar algumas atividades envolvendo fábulas, as crianças pouco sabiam distinguir as diferenças entre elas e outros gêneros textuais. Por isso, decidiu-se verificar se os alunos estão tendo contato com esse gênero literário em sala de aula.

Com este trabalho, pretende-se chamar atenção de quem quer que se interesse pelo assunto, para a possibilidade de leitura de obras como as Fábulas, articulando-as ainda com o conto de fadas e os bestiários.

A importância do trabalho se justifica, porque apesar de fazer parte do gênero mais antigo, a fábula não perdeu sua importância diante da literatura infantil contemporânea, até porque se trata de histórias breves, nas quais são utilizados animais para evidenciar experiências vividas, próprias dos seres humanos e tem como objetivo divertir e instruir ao mesmo tempo.

Como já é evidente a importância crescente que a literatura infantil tem tomado na educação formal, a escola, assim, vem abrindo os olhos para as relações pertinentes entre literatura e alfabetização.

No entanto, nem sempre se atribui à literatura infantil a importância merecida. Muitas vezes, ela é apenas utilizada como pretexto educativo para o ensino da língua portuguesa e de suas normas. Ou, ao contrário, muitas vezes não se explora a literatura enquanto produto letrado, dando a ela apenas o brilho do lúdico e da brincadeira.

Sendo assim, a escola, enquanto local de instrução formal, deve fazer com que a criança entre em contato com o mundo irreal, a fantasia, a viagem pelo mundo dos livros. Este contato, no entanto, deve ser permanente e não localizado em projetos isolados, pois ao usar os contos de fadas em sala de aula, o professor estará contribuindo de forma significativa para que o aluno adquira o gosto pela leitura e conseqüentemente melhore seu processo de aprendizagem que ainda está muito ligado ao ato de copiar textos desprovidos de qualquer significado à criança.

A pesquisa foi de cunho bibliográfico e de campo, onde para fundamentá-la, utilizou-se os estudos feitos por autores como Araújo (2012), Lajolo e Zilberman (2010), Coelho (2003), entre outros, que nos forneceram bases para partir para a pesquisa na escola campo.

## **1- A CRIANÇA NA IDADE MÉDIA E O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL**

No seu estudo sobre a história da infância, Ariès (1981, p. 87) afirma que a infância foi uma invenção da modernidade, refere-se a um período da vida do ser humano que não existia antigamente. O teórico não via a infância como um processo natural da vida, mas sim como o resultado de um longo processo histórico. Isso porque, até o final da Idade Média a criança não recebia atenção diferenciada, ao contrário, era vista como um adulto precoce.

De acordo com Uchoa (Revista Aldeia educativa, 2008), essa infância muito curta fazia com que as crianças ao completarem de cinco a sete anos já ingressassem no mundo dos adultos sem absolutamente nenhuma transição. Ela era considerada um adulto em pequeno tamanho, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos. Nesse sentido,

O primeiro sentimento que surge em relação à infância é a “paparicação”. Ele surge no meio familiar, na companhia das crianças pequenas. As pessoas não hesitam mais em admitir o prazer provocado pelas maneiras das crianças pequenas, o prazer que sentem em paparicá-las. Com o tempo esse hábito expandiu-se e não só mais entre os bem-nascidos mais, também, já junto ao povo ele pôde ser observado. A criança por sua ingenuidade, gentileza e graça, se torna uma fonte de distração e de relaxamento para os adultos. (UCHOA, Revista Aldeia educativa, 2008),

Pode-se observar que o desejo de paparicar o filho, não era privilégio apenas das famílias abastadas, aos poucos, foi se tornando um sentimento comum até mesmo entre as mais pobres. A partir da revolução industrial, os sentimentos em relação a criança foram se tornando mais evidentes, até chegarem ao ponto de despertar o interesse nos autores, em escrever obras voltadas para esse público. Foi então que no final do século VII, começaram a surgir os primeiros registros, de literatura infantil como: As Fábulas de La Fontaine, As Aventuras de Telêmaco, de

Fénelon e os Contos da Mamãe Gansa (com título original de Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades) de Charles Perrault.

O problema é que juntamente com a vontade de alguns estudiosos em escrever para crianças, veio também um pensamento negativo, o preconceito por parte daqueles autores já consagrados, que achavam que produzir esse tipo de obra demonstrava um certo grau de inferioridade por parte de quem as escrevia. O próprio Perrault foi um exemplo disso, como fazia parte do grupo consagrado, se recusou a assinar sua obra Os Contos da Mamãe Gansa, passando a oportunidade ao filho mais jovem, Pierre Darmancourt. Nesse sentido Lajolo e Zilberman (2010, p. 15-16), afirmam que:

A recusa de Perrault em assinar a primeira edição do livro é sintomática do destino do gênero que inaugura: desde o aparecimento, ele terá dificuldades de legitimação. Para um membro da Academia Francesa, escrever uma obra popular representa fazer uma concessão a que ele não podia se permitir. Porém, como ocorrerá depois a tantos outros escritores, da dedicação à literatura infantil advirão prêmios recompensadores: prestígio comercial, renome e lugar na história literária.

Como se pode perceber, logo que surgiram as primeiras obras dedicadas às crianças, um autor renomado não podia se dar ao luxo de escrever esse tipo de livro, Melhor dizendo, podia até escrever, mas assim como fez Perrault, não as assinavam. Como prova disso a própria Coelho (2003) quando cita os clássicos infantis de Perrault, La Fontaine, Grimm ou Andersen, afirma que esses nomes não são os verdadeiros autores das narrativas:

Quando hoje falamos nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos-de-fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou as fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes não correspondem aos dos verdadeiros autores de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as histórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreeveram por escrito. (COELHO, 2003, p. 12).

A autora também cita alguns dos personagens que compunham as narrativas que os escritores foram descrevendo em seus livros:

Cavaleiros andantes, reis, rainhas, princesas e príncipes bons e maus, fadas, bruxas, metamorfoses de criaturas humanas em animais (ou vice-versa), ogres e ogressas canibalescos, maldições, profecias, madrastas, crianças abandonadas, crianças que são entregues a alguém para serem mortas, fantasmas e magos, gênios benfazejos e malfazejos... é a fantástica legião de personagens que a partir do século XVII os escritores cultos vão

descobrir na tradição oral dos povos europeus e criar a Literatura Infantil que hoje conhecemos como “tradicional” [...] (COELHO, 2003, p. 66).

Ainda de acordo com Coelho (2003), muitos estudos ainda vêm acontecendo, na tentativa de descobrir como essa Literatura Popular chegou até os dias de hoje.

## **2- OS PRIMEIROS AUTORES DAS FÁBULAS**

As fábulas tiveram suas origens voltadas para as antigas lendas e narrativas populares. Durante séculos, eram transmitidas oralmente. Coelho (2003, p.98) enfatiza em seu trabalho, as fábulas de La Fontaine e exemplifica um dos trabalhos do autor “A moça do pote de leite” como sendo: Uma das mais famosas fábulas da Antiguidade. Ou seja, fazia parte do folclore francês, e foi de lá que La Fontaine a tirou no séc. XVII. Como se pode observar logo abaixo, Coelho (2003, p.98) utiliza uma parte da história para enfatizar seu trabalho.

Ah! Meu primeiro pote de leite! irei vendê-lo e comprar ração para a vaca produzir cada vez mais, assim venderei o leite, e com o dinheiro irei comprar doze galinhas que irão botar meia dúzia de ovos por dia. Depois, comprarei dois galos, dois bodes e com o passar do tempo, duas ovelhas... A menina já estava bem distraída, pensando tanta coisa, quando de repente, viu uma cobra e gritou:  
- Ah, Ah, Ah...  
E, caiu derramando todo o leite.

Essa citação faz parte de uma das fábulas de La Fontaine, que como já foi enfatizado, foi um dos primeiros autores a utilizar os contos infantis nas suas obras. O mais importante disso tudo é que as fábulas, apesar de terem sido produzidas em épocas diferentes, ainda despertam o desejo dos autores em reescrevê-las ou readaptá-las. Isso porque, apesar do tempo, ainda preservam os valores básicos do momento em que surgiram.

A fábula é um gênero literário que veio sobrevivendo as constantes mudanças ao longo dos tempos, no entanto, não se tem certeza da sua origem nem de seus contadores. Mas acerca do seu caráter oral, Dezotti (2005) enfatiza que pode ter sido desenvolvido entre Grécia, Índia e Suméria e isso pode ter acontecido a mais de vintecéculos antes de Cristo. Quanto a sua fundação, alguns estudiosos como Ismael dos Santos, coloca Esopo como fundador da fábula. Trata-se de um escravo que viveu no século 6º. a.C., na Grécia antiga. Segundo a história, Esopo era muito

pequeno e corcunda, mas muito inteligente. Prova disso é que por muitas vezes conseguiu livrar seus patrões de situações embaraçosas e por isso acabou ganhando como recompensa sua liberdade. Nos lugares por onde passava era muito bem visto e estava sempre sendo homenageado pelos reis.

As histórias que Esopo inventava sempre retratavam situações corriqueiras do cotidiano das famílias e da sociedade de modo geral, que eram reproduzidas através dos diálogos entre os bichos. Ou seja, os animais sempre serviam de exemplos para os seres humanos, pois representavam aspectos relacionados as qualidades do homem. Os personagens mais astutos sempre ficavam a cargo da raposa, que como se sabe, é considerada muito esperta. Outros animais que sempre apareciam nas fábulas era o leão, que representava a força; a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho etc.

Nesse sentido, Araújo (2012), em sua tese intitulada “Cachorros do céu: as transformações da fábula em Wilson Bueno”, cita Dezotti (2005), que propõe uma definição que contemplaria a fábula em sua essência.

Essa característica forma, muito mais simples, aliás, pode ser a explicação para a popularidade e a resistência desse gênero através dos tempos. É que a maleabilidade de sua forma lhe permite incorporar novos repertórios de narrativas e ajustar-se à expressão de visões de mundo de diferentes épocas. (DEZOTTI, 2005, p. 22).

Araújo destaca que essas informações a respeito da origem da fábula servem apenas de ilustração.

### **3- DEFINIÇÃO**

A definição é muito clara, e caracteriza muito bem o gênero fábula. Araújo (2012) refere-se a Lajolo (2005), que estabeleceu um conceito para a fábula:

As fábulas são narrativas – em prosa ou em verso – que geralmente apresentam animais como personagens. Animais que pensam, sentem, agem e falam como se fossem pessoas. Mas as fábulas não apresentam só animais como personagens. Há fábulas sobre objetos, sobre plantas, sobre estações do ano, sobre a morte, sobre pessoas. As fábulas mostram pontos de vista sobre comportamentos humanos. Ou seja, recomendam certos comportamentos e censuram outros, que devem ser evitados. Esse ponto de vista – ou opinião – costuma ser explicitado no início ou no fim das fábulas e é chamado lição ou moral. (LAJOLO apud ARAUJO 2012, p.13).

Percebe-se que as fábulas abordam temas diferenciados, isso justifica-se pelo fato de as mesmas serem utilizadas pelo homem, sempre para alertar, principalmente as crianças, sobre os problemas surgidos na vida, dando as mesmas, possibilidade para compreender e solucionar os mesmos, agindo com valores e respeitando a moral e bons costumes.

Ainda de acordo com Araújo (2012, p. 14),

As definições[...] parecem ter como ponto comum o fato de a fábula ter existido primeiro na forma oral, para depois ter passado à escrita – que tanto pode ser em prosa como em verso –, consistindo em uma história mais ou menos curta, na qual são representados animais personificados, cujo comportamento lembra o comportamento humano, com seus acertos e erros e da qual se tira uma moral, um ensinamento ou uma mensagem.

Ainda sobre as possibilidades de origem das fábulas, alguns autores consideram mais de uma possibilidade, dentre os quais, Ismael dos Santos (2003) que reporta-se a Matthew Hodgart, para abordar algumas hipóteses relativas ao surgimento da fábula.

Santos, (apud ARAÚJO, 2012, p. 17), referenda Hodgart quando considera duas possibilidades de origem para a fábula: primeiro que ela é o resultado da transformação do conto popular, em vista do compromisso que ambos possuem com a moralidade; segundo que ela surgiu da literatura aforística, por conta do caráter pedagógico de ambas.

Ainda segundo Araújo (2012) as fábulas também possuem seu registro na Idade Média, nesse período, elas eram utilizadas como “instrumento moral e de exercício literário, sendo consagrada pelos pregadores em seus sermões como narrativa de exemplo, acentuando-se a sua difusão nos séculos XII e XV”. (SANTOS, 2003). Com isso, a fábula passava a exercer mais uma função: a de ensinar a teologia cristã. Por outro lado, o autor afirma, a partir de Araújo, que também nessa época o gênero foi utilizado como sátira e protesto contra a Igreja.

Percebe-se então, que devido as características das fábulas, por conterem sempre uma “lição de moral” ao final, era um gênero muito utilizado nas pregações religiosas, tanto que se observarmos algumas contém cunho literalmente religioso, tais como os bestiários, que são referendados por Araújo (2012):

Os bestiários eram, durante a Idade Média, sobretudo nos séculos XIII e XIV, livros em prosa ou verso, muitas vezes com ilustrações, que tratavam

de animais, verdadeiros ou fantásticos, considerados simbolicamente portadores de qualidades sobrenaturais, via de regra ligadas ao Cristianismo. (MOISÉS, 2004,apud ARAÚJO, 2012, p. 19)

A figura dos animais representando ações humanas são outra característica observada nas fábulas. Por isso tornam-se tão interessantes às crianças, pois personificam situações por elas vivenciadas, empregando aspectos lúdicos, aguçando seu interesse pela leitura.

### 3.1- Finalidade da fábula

A fábula possui inúmeras funções, dentre as quais, destaca-se o recurso retórico e o exercício literário. De acordo com Araújo (2012, p. 15),

Além de ter sido utilizada como recurso retórico [...] e exercício literário, este gênero literário era responsável por enaltecer virtudes e, assim, foi importante instrumento moral quando utilizada no ensinamento da teologia cristã. Em contrapartida, como também tinha o papel de criticar a sociedade, a fábula foi utilizada como sátira ao poder da Igreja.

Araújo se reporta a Dezotti (2003) quando ele diz que “Na fábula, o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar, etc”. Fedro, “ex-escravo, perseguido e oprimido pela sanha dos poderosos políticos de sua época”, utilizou a fábula como “arma de guerra na luta contra os opressores”, servindo-se deste gênero literário “para camuflar suas críticas e sátiras em defesa de todos os oprimidos pelas injustiças dos tiranos” (PORTELA apud ARAÚJO, 2012, p. 16).

Outras utilidades das fábulas são apontadas por Araújo (2012, p. 16), que enfatiza que “as primeiras formulações teóricas a respeito da fábula apontam a sua utilidade como recurso retórico do qual os oradores, na época de Aristóteles, lançavam mão, com o objetivo de persuadir seus ouvintes”.

No que se refere a educação, a fábula também pode ser utilizada pelos professores nas escolas, como objeto de estudos, visto que ela traz vantagens e benefícios para a educação. Além de poder ser utilizada no incentivo à leitura, as fábulas podem ser usadas no ensino de todas as disciplinas, bastando que para isso, o professor faça o planejamento prévio, analisando tudo o que pode ser explorado no texto. Pena que hoje, quase não se vê mais os docentes em sala de



aula, utilizando-se desse importante aliado. Ao não fazer uso de tal gênero em sala de aula, o professor perde, além de um ótimo recurso didático, também a ludicidade presente nas histórias, tendo em vista que as fábulas trazem ensinamentos que, se bem explorados, podem fazer uma grande diferença na vida dos alunos. Podem ajuda-los no crescimento e no desenvolvimento de cidadania das crianças e estudantes em geral

Vale salientar que o gênero Fábulas, não é novo na educação, ao contrário, muitos educadores já a utilizam desde a sua constituição como gênero literário, o que aconteceu “com o advento, entre os gregos, da prosa como expressão literária, durante o século VI a.C.” (DEZOTTI apud ARAÚJO, 2012, p. 17).

#### **4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A pesquisa de campo, cujo objetivo foi investigar a receptividade das fábulas em sala de aula, ocorreu nas Escola Estadual Maria Neuza do Carmo. Na escola 29 alunos na faixa etária de 11 a 13 anos, do sexto ano do ensino fundamental II, participaram da pesquisa.

A investigação deste estudo foi desenvolvida em duas fases: Em uma primeira fez-se o levantamento e a leitura do referencial teórico, que nos permitiram uma maior clareza do tema e embasamento para análise e interpretação dos dados coletados. Na segunda fase, ocorreu a pesquisa de campo, de cunho quantitativo, onde foi realizada a aplicação de um questionário, com perguntas simples e abertas direcionados aos alunos.

Na visita a escola campo, foi feito primeiramente uma oficina com as Fábulas “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo e “No dia em que o gato falou”, de Millôr Fernandes, em seguida, aplicou-se o questionário.

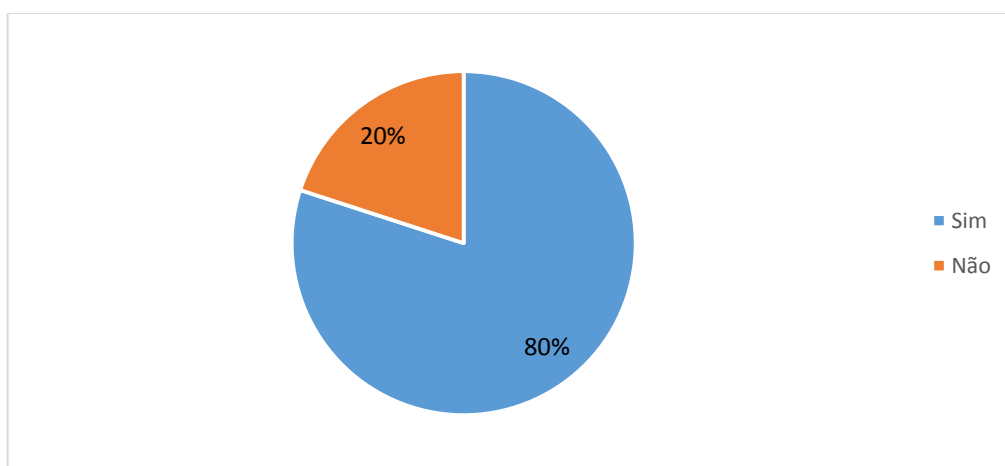
#### **5- ANÁLISE DOS DADOS**

Durante a pesquisa de campo pôde-se perceber que os alunos da escola não sabiam muito bem discriminar o gênero fábula, por isso, houve a necessidade de primeiramente fazer uma oficina, para esclarecer melhor à eles. Para isso, levou-se dois gêneros, contos de fadas e fábulas, ambos foram lidos e em seguida, perguntou-se aos alunos se havia diferença entre os textos, fez-se algumas

indagações com o objetivo de que compreendessem que, mesmo sendo gêneros parecidos, as histórias tinham características e fins diferenciados. Ao final, verificou-se que o objetivo foi atingido, já que tendo contato com outros textos, a maioria dos alunos conseguiram identificar sem dificuldades, o que era contos de fadas e o que era fábulas.

Vejam os dados apresentados no gráfico 1, a compreensão dos mesmos acerca das fábulas.

**Gráfico 1: Sobre conhecer o gênero fábulas.**



Fonte: pesquisa de campo

Os dados do gráfico mostram que 80% dos alunos responderam que sim, sabem o que são as fábulas. Esse resultado condiz com o que se observou ao final da oficina, onde se percebeu que a maioria conseguiu identificar as fábulas entre os contos de fadas apresentados. Os 20% que responderam que não, pode ser explicado a partir do uso das metodologias utilizadas pelo professor em sala de aula, que muitas vezes condicionam os alunos a ler somente alguns gêneros, não oportunizando o acesso do aluno a outros, seja em forma de exercício ou mesmo em prova.

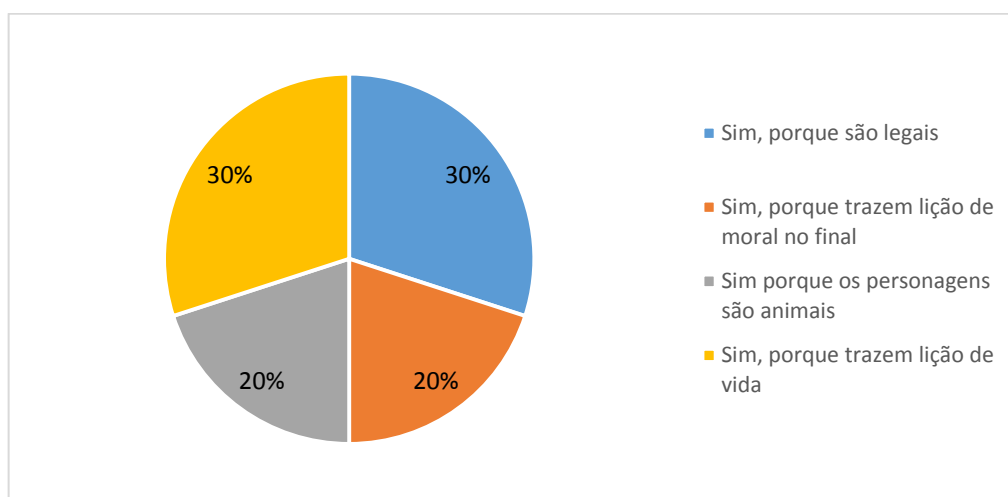
Isso reflete um método de ensino arcaico, em que os professores trabalham textos exclusivamente didáticos, contribuindo para que os alunos desenvolvam certa aversão à determinados tipos de leitura. Porém, essa prática já está se modificando a partir dos PCNs(BRASIL,1999) que sugerem o trabalho com gêneros textuais diversos, sendo todos fundamentais para o incentivo à leitura de forma autônoma,

possibilitando ao aluno, a oportunidade de ler silenciosamente, vivenciando situações de leitura com crescente independência da mediação do professor.

Além disso, desde 2013, o Ministério da Educação, criou o Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PACTO pela educação, que prevê em suas metodologias de ensino lúdicas, com o uso de gêneros literários diversos, tais como: contos de fadas, fábulas, cantigas de rodas, jogos e brincadeiras que possibilitam ao professor, desenvolver trabalhos bem mais atrativos ao aluno em sala de aula.

Observando que tais recursos são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, perguntou-se aos alunos se eles gostam de ler fábulas e porque gostam. Sobre o questionamento observa-se os dados no gráfico 2.

**Gráfico 2: Sobre o gosto dos alunos em ler fábulas.**



Fonte: pesquisa de campo

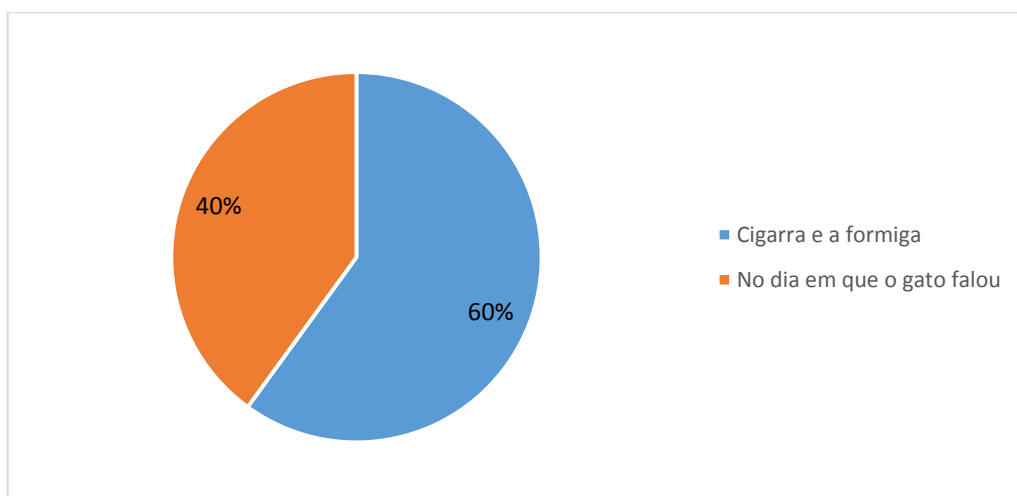
Neste segundo gráfico, observa-se que 30% responderam dos alunos responderam que gostam de ler fábulas porque são legais. 30% que gostam porque trazem alguma moral no final. 20% que gostam porque os personagens são animais e 20% que gostam porque as fábulas trazem lição de vida. Sabe-se que fábula é uma história narrativa que surgiu no Oriente, mas foi particularmente desenvolvido por um escravo chamado Esopo, que viveu no século VI a.C., na Grécia Antiga. Esopo inventava histórias em que os animais eram os personagens. Por meio dos diálogos entre os bichos e das situações que os envolviam, ele procurava transmitir sabedoria de caráter moral ao homem.

Assim, os animais, nas fábulas, tornam-se exemplos para o ser humano. Cada bicho simboliza algum aspecto ou qualidade do homem, como, por exemplo, o leão representa a força; a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho etc.

As fábulas existem a milhares de anos e é importante para a formação e a aprendizagem das crianças. Escutar histórias contribui de forma significativa para o início da aprendizagem e para que o indivíduo seja um bom ouvinte e um bom leitor, mostrando um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Assim, Coelho (2003), afirma que os contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos.

A partir da leitura de diferenciadas fábulas com os alunos, considerou-se importante perguntar aos mesmos, quais foram as que mais gostaram dentre as apresentadas. Os dados relativos ao questionamento são apresentados no gráfico 3.

**Gráfico 3: Qual Fábula você gostou mais?**



Fonte: pesquisa de campo

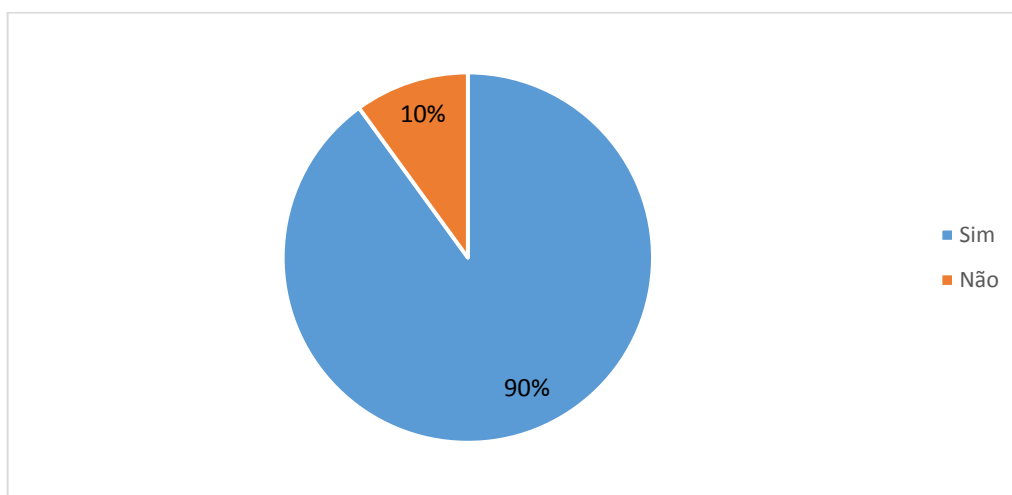
Nos resultados deste gráfico, percebe-se que a fábula tradicional está ganhando terreno, pois 60% dos alunos responderam que gostaram mais da fábula A Cigarra e a Formiga, de Esopo, enquanto que 40% gostaram mais da fábula contemporânea de Millôr Fernandes, No dia em que o Gato falou. Tais resultados talvez devam-se ao fato de que que, conforme enfatizado por Coelho, (2003, p. 24).

A literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser

definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu Literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os Ideais e Valores ou Desvalores sobre os quais cada Sociedade se fundamentou (e fundamenta).

Observa-se portanto, que a linguagem utilizada nas Fábulas, cada uma a seu tempo, talvez tenha influenciado os alunos a responderem. Por isso, ainda com o resultado apresentado, não se pode afirmar que as Fábulas tradicionais sejam sempre mais bem aceitas, frente as contemporâneas. Mas, considerando que ambas apresentam uma lição de moral ao final, foi perguntado aos alunos, se eles aprenderam algo com as fábulas apresentadas. No gráfico 4, são apresentados os dados inerentes ao questionamento.

**Gráfico 4: sobre haver aprendizagem dos alunos com as fábulas**



Fonte: pesquisa de campo

Essa porcentagem, 90% contra 10% mostra o que já era mais ou menos esperado, pois sabe-se que todo indivíduo que já teve contato com uma fábula, sabe que as mesmas trazem sempre um aprendizado, além de serem textos atrativos tanto à criança, quanto ao jovem e adolescentes.

Não é difícil encontrar até mesmo pessoas adultas que gostem de ouvir ou contar fábulas, isso pode ser justificado pelo pressuposto de Coelho (2003) quando argumenta que,

As Fábulas [...] são verdadeiros textos cifrados que denunciavam misérias, desequilíbrios ou injustiças de sua época. Segundo consta, foi sua dedicação e amizade a Fouquet (Superintendente das Finanças de Luís XIV, afastado do cargo e aprisionado injustamente por seu implacável inimigo Colbert, novo 3 ministro do Rei) que levou La Fontaine não só a intervir publicamente em favor do amigo e protetor, como a escrever as fábulas “O Lobo e o Cordeiro” e “A Raposa e o Esquilo”, lidas na ocasião para o público seletos dos “salões”. (COELHO, 2003. p. 82-83.)

Nota-se então, que o gênero fábulas sempre esteve presente na história da literatura, tanto, que a sátira e a crítica se confundem, e a fábula vem, ao longo dos séculos, expondo a problemática político-social dos diferentes povos que a cultivaram.

Por sua importância, são excelentes recursos para serem utilizados pelos professores em sala de aula, pois encantam, divertem e promovem o gosto pela leitura, de forma prazerosa, fatores fundamentais para se instigar o gozo e o prazer pela leitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da leitura dos aportes teóricos e da pesquisa de campo percebeu-se que para que haja um maior interesse do aluno pelos textos literários, a escola exerce um papel muito importante.

Na realidade, não se pode dar um veredicto final, de que as fábulas tradicionais sejam mais bem aceitas pelas crianças. Deve-se levar em conta que a pesquisa foi realizada com apenas uma turma de alunos, de uma mesma faixa etária e de uma mesma escola. Além disso, deve-se levar em consideração também o fato de que esse gênero textual é pouco ou quase nunca trabalhado pelos professores em sala de aula.

Nesse sentido, entende-se que para que haja uma melhor aceitação das Fábulas pelos alunos e para que eles possam usufruir dos ensinamentos que as mesmas podem trazer para a vida dos seres humanos, os professores devem trabalhá-la de forma contínua, criativa, consciente, explícita e integrada aos saberes em sala de aula, desde as séries iniciais.

Este estudo proporcionou um maior entendimento sobre as Fábulas tradicionais e contemporâneas e contribuiu, principalmente, com os futuros professores, inexperientes ainda no ensino literário, para que ao adentrarem em sala

de aula, experimentem novas metodologias que despertem o interesse do aluno, não apenas por um determinado gênero literário, mas por todos.

Salienta-se que não se teve a pretensão de explorar todos os aspectos inerentes ao uso das fábulas no processo de ensino e aprendizagem a partir do gênero fábula, mas sim discutir o assunto no ambiente acadêmico, a fim de instigar o interesse de outros pesquisadores pelo assunto, para analisar outros aspectos acerca desse tão importante gênero literário, que vem sendo difundido por gerações, sem, no entanto, perder sua essência e ludicidade tão presente nas histórias.

## **THE RECEPTIVITY OF FABLES: TRADITIONAL AND CONTEMPORARY**

### **ABSTRACT**

This article is the result of a study carried out in order to check the responsiveness of traditional and contemporary Fables in the State School Maria Neuza do Carmo de Sousa, located in the city of Macapa, as well as the knowledge and understanding of the student with regard to reading Fables. For this we used two types of research, bibliographic and field, the first of which served to theoretically base the work, and the second to identify the knowledge and interest of students by genre under study. The analysis and interpretation of data collected by questionnaires, allowed us to identify the existence of some difficulty for the students to distinguish Fables Fairy Tales and Other Stories. The results demonstrate that they have little difficulty, which are attributed mainly to the absence of a job facing the reading of fables and fairy tales by the teacher in the classroom. The investigation has also understand that reading the Fables in the early grades contributes significantly to the social development of the student. Because the theme, reading this article might be of interest to teachers in the early years, Letters of academics, pedagogy and who else has an interest in the subject.

**Keywords:** Reading; Fables; students.

### **REFERÊNCIAS**

ARIÈS, P., **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília. BF. 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos**. São Paulo: Global ed., 2010.

ARAÚJO, Maria Rojanski. **CACHORROS DO CÉU: as transformações da fábula em wilsonbueno**. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Campus São José, 2012.

SANTOS, I. **Homens, raposas e uvas: a fábula na literatura brasileira**. Blumenau: Edifurb, 2003.

UCHÔA CMA et al. **Parasitismo intestinal em crianças e funcionários de creches comunitárias na cidade de Niterói-RJ**, Brasil. Rev. de Patologia Tropical. 2009; 38(4): 267- 278. <[http://revista.iptsp.ufg.br/uploads/63/original\\_2009\\_38\\_4\\_267\\_278.pdf](http://revista.iptsp.ufg.br/uploads/63/original_2009_38_4_267_278.pdf)>.



